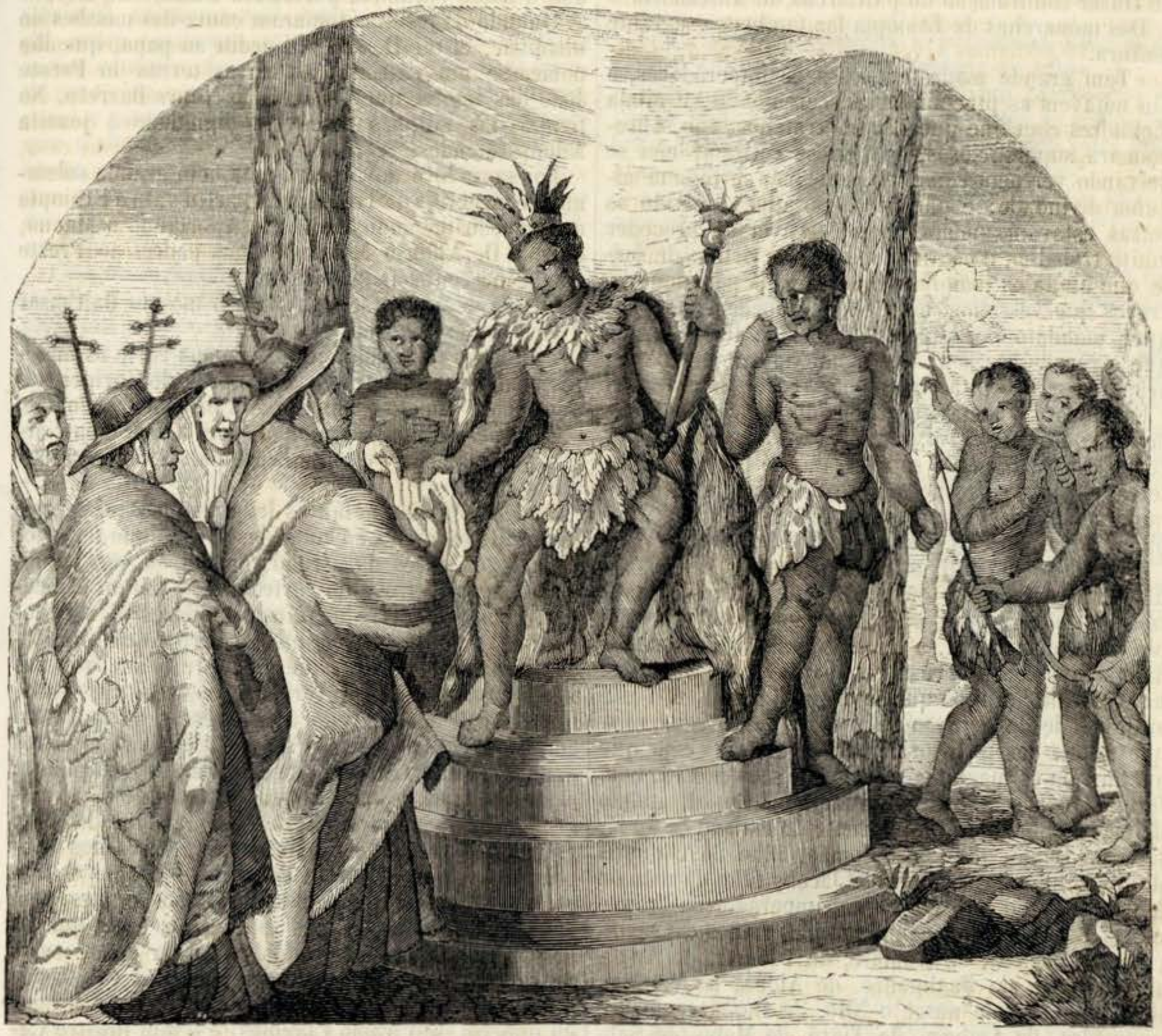


Audiencia do Preste João das Indias ao patriarcha portuguez D. Affonso Mendes — Desenho de G. Pereira — Gravura de Coelho

Muitos livros se escreveram em portuguez no seculo XVI sobre o Preste João, desde que el-rei D. Manuel enviou uma embaixada áquelle tão fallado imperador da Abyssinia.

D'alguns d'esses livros, hoje rarissimos, fizemos já menção quando reproduzimos a estampa da entrada do embaixador D. Rodrigo de Lima na capital d'aquelle imperio, copiada da obra que em 1540 publicou o padre Francisco Alvares, capellão da embaixada. [1]

A curiosa gravura que hoje apresentâmos é tirada fielmente da « Historia geral da Ethiopia alta, ou Preste João, do jesuita Balthasar Telles.

Representa a audiencia que o Preste João deu ao patriarcha portuguez D. Affonso Mendes, para lhe apresentar a bulla do papa Urbano VIII, que o deputava áquelle imperio para o Preste dar juramento de obediencia ao chefe da egreja catholica.

Balthasar Telles tinha já tratado na « Chronica da Companhia de Jesus » e largamente, d'este reino da Ethiopia, refutando o que se dizia do Preste João, em termos que muito abonam a sua critica. Ouçamol-o.

« Deixando de fallar nos sonhos errados das coisas da Ethiopia, pensamenteados na vã imaginação de um frei Luiz de Urreta, que com estilo hespanhol, e com licenças castelhanas, em uma historia phantastica (mais para andar aos soalheiros de ociosos, que para se recolher em livrarias de lettrados) descreveu as coisas de Ethiopia, não como ellas foram, mas como elle fingia que eram; não como succederam no effeito, mas como lhe corriam na penna; deixando, digo, estas fabulosas novellas (indignas de serem escriptas não só por um religioso, mas ainda por um homem de mediocre juizo), para vir a declarar a causa da nova eleição do patriarcha, me resolvi a dar uma brevissima noticia, não menos das coisas temporaes, que das espirituaes d'aquelles reinos. »

Passa depois a fazer a descripção geographica da Abassia ou Abyssinia, falla dos seus usos e costumes, e conclue:

Posto que os abexins conservam o nome de christãos, reconhecendo a Christo Nosso Senhor, comtudo tem enormes erros, o principal dos quaes, como fonte d'onde os mais procedem, é a desobediencia ao summo pontifice, não reconhecendo a egreja romana, e tendo por santo e de grandes merecimentos a Dioscoro, bispo de Alexandria, a quem o sagrado concilio calcedonense condemnou por herege, e assim não recebem o dito concilio nem suas definições. Reconhecem no reino um cabeça ecclesiastico,

[1] Vid. pag. 220 e 265 do antecedente vol.

a que elles chamam abuná ou marco, o qual querem por força que seja natural de Alexandria, e que a eleição pertença aos frades abexins, posto que ha de trazer confirmação do patriarcha de Alexandria.»

Dos monarchas da Ethiopia faz tambem a seguinte pintura.

«Tem grande magestade os seus imperadores, e são notaveis as preeminencias, ceremonias, e ainda melindres com que querem ser tratados; são sobremaneira supersticiosos, porque se retiram, não se deixando ver nem communicar, como se fossem alguma divindade; e para se lhes fallar (quando as coisas estavam mais florentes) havia de preceder muito trabalho, e continencias nunca vistas; de sorte que ainda os maiores senhores mais pareciam escravos que vassallos, no modo de obedecer a qualquer mandato do imperador; em se lhes dizendo que o recado era seu, logo saiam ao campo, e a pé, despindo-se da cinta para cima, recebiam a ordem; e em quanto o mensageiro lhes diz as primeiras palavras, que são: *el-rei vos envia muito saudar*, por cortezia e acatamento se abaixam até pôr a mão em terra. Só tres vezes no anno é licito ver a este seu imperador, a saber, em dia de Natal, no dia da Epiphania, e no dia da Assumpção.

Prezam-se de mui nobres (que estes desejos de fidalguia tambem se tem ateado nos abexins), e dizem que a geração d'estes imperadores teve principio da rainha Sabbá, a qual, dizem os seus annaes, da ida que fez a Jerusalem, para visitar Salomão, houve d'elle um filho que se chamou David. E d'esta antiguidade de geração se prezam tanto seus reis, que é uma das mais principaes grandezas com que auctorisam os magnificos titulos de seus nomes, cuja formula é a seguinte. «Claudio, ou David, amado de Deus, columna da fé, parente da estirpe de Judá, filho de David, filho de Salomão, filho da columna de Sião, filho da semente de Jacob, filho da mão de Maria, filho de Naú por carne, imperador da grande e alta Ethiopia, e dos seus grandes reinos e provincias, rei de Xoa, de Guafate, de Tacigar, de Angote, de Barú, de Baaliganze, de Aldeá, de Vangue, de Guojam, onde nasce o Nilo, de Damará, de Bagnemedre, de Ambeia, de Tigré, de Mahó, de Sabbam, d'onde foi a rainha de Sabbá, de Barnagnaes, senhor até Nubia onde é o fim do Egypto, etc. etc.

Tal é a pomposa genealogia do real pretinho que a nossa gravura representa!

Acerca do nome de «Preste João» que os nossos antepassados deram ao imperador dos abexins, tambem achamos mui cordata a explicação que Balthasar Telles propõe n'estes termos.

«O nome de Preste João que alguns querem que seja Presbytero João, foi entre os abexins desconhecido, e sómente introduzido pelos portuguezes. O que sobre este nome cuidâmos é (conforme a melhor opinião) que antigamente houve um grande imperador na India, christão scismatico, o qual assim como os reis do Egypto se chamavam antigamente Pharaós, os dos persas Sofis, assim este se chamava Preste, ou Presbytero João.

D'este imperador se conta, que foi em algum tempo poderosissimo, porque tinha debaixo de seu real sceptro setenta e tantos reinos, parte christãos e parte gentios, porém veiu depois a ser vencido e conquistado pelos tartaros, e como ainda pela nossa Europa havia alguma noticia d'este antigo imperador, por isso quando os nossos portuguezes descobriram a India, ouvindo dizer que na Ethiopia superior havia um imperador christão, vieram a persuadir-se que este devia ser aquelle Preste, ou Presbytero João, cujo nome ainda era lembrado na Europa; e só por esta imaginação, fundada na liberdade da voz do povo, lhe começaram a dar este nome de Preste João, sendo que entre elles foi novo e nunca ouvido, como tambem o foi o nome de Precioso João, por mais que d'elle, mui confiadamente, usa o nosso chronista portuguez Damião de Goes.»

Quando os jesuitas tomaram conta das missões do ultramar, el-rei D. João III pediu ao papa, que lhe nomeasse um patriarcha para as terras do Preste João das Indias, que foi D. João Nunes Barreto. No tempo dos Filippes teve esta dignidade o jesuita Affonso Mendes.

Foi sagrado o novo patriarcha com grande solemnidade na egreja da Trindade; e partiu para a Ethiopia na monção do anno de 1624. Aportando a Macuá, enviou D. Affonso Mendes alguns padres ao Preste dando-lhe conta da sua vinda.

O que depois se seguiu conta o mesmo Balthasar Telles por esta fórma.

«Tendo o imperador juntos na sua corte os maiores senhores, os letrados e mestres dos principaes mosteiros, mandou um azage (desembargador do paço), pessoa muito principal, para avisar o patriarcha que podia vir, e juntamente para o acompanhar até á corte.

Ao dia seguinte subiu as ladeiras do Dancaz, que são muito ingremes e compridas. Tanto que fez alto, meia legoa antes do arraial, encontrou com o melhor e mais lustroso da corte, que o sairam a receber, com até coisa de quinze ou dezeseis mil homens de armas, entre gente de pé e de cavallo, todos com librés e galas que mais prezavam, que nos fidalgos são cabaias de varias sedas, veludos, setins, brocados de Meca, tudo á turquesca; as galas da gente de pé são fotétes, saraças, bofetás, e outros pannos da India. Sobre as sedas lançam, os que são mais ricos, ao pescoço grossas meadas de oiro, cingem rêlhos, embraçam formosas manilhas de oiro: os mesmos vestiam espadas largas, e terçados chapeados tambem de oiro é de prata, lançados a tiracollo. Vinham os cavalleiros em briosos ginetes, com bons jaezes, os arções das sellas mais altos que os nossos da gineta, chapeados de prata sobre sedas de varias côres. Os principaes, como os capitães e guias dos mais, era o principe Faciladás, herdeiro do imperio, seu irmão Claudios, e o mui illustre Catholico Ráz Celá Christós, irmão do imperador.

Foi a cavallaria chegando ao patriarcha, e tanto que com elle emparelharam, logo abaixando a cabeça e o corpo, lhe fizeram uma profunda reverencia, e abrindo-se em duas alas para a direita e esquerda, o metteram no meio. N'este mesmo tempo com o estrondo dos atabales, musica das charamelas, vivas de alegria, e com as vozes de tantas gentes, soavam os ares, respondiam os valles, retumbavam os montes, a mesma terra, as montanhas mais rudes, os penhascos mais brutos, tudo, em fim, parece que se alegrava, que saltava e jubilava, dando brincos e fazendo danças de prazer, e representando a alegria que o propheta diz que houve na vinda do Senhor.

Com este applauso chegou o patriarcha a uma tenda que estava armada para este effeito, algum tanto afastada do arraial, aonde se apeou para trocar o vestido de caminho com a capa e chapeo episcopal. Aqui se apearam tambem todos, e chegaram a lhe beijar a mão os principes que o vieram acompanhando.

D'aqui se foi o patriarcha com todo este acompanhamento até á entrada do arraial, aonde estava armada outra tenda, para n'ella, conforme a ordem do ceremonial, se revestir de pontifical com capa e mitra de tela branca; subiu logo em um formoso cavallo pombo, com gualdrapa de damasco branco, que o imperador tinha mandado apparelhar, com jaezes de muito preço, e mettendo-se debaixo d'um

rico pallio, cujas seis varas levavam vice-reis e senhores principaes; foi caminhando para a egreja de Gan Fábet, que é de Nossa Senhora, e a principal do arraial, levando-lhe o cavallo de rédea Sercá Christós, mordomo-mór. Soava tambem n'este tempo, entre continuos vivas, a musica, que entoavam varios cantores, dos psalmos que o ceremonial aponta para este acto. A gente que acudiu era innumeravel e vária, e muito mais varios eram os effeitos que n'elles causava esta tão nova e tão solemne entrada, porque os catholicos se alegravam, os hereges se confundiam, e se enraiveciam os que ainda traziam no coração a Dioscoro, e no amor a Alexandria.

Chegou o patriarcha á egreja, e alli foi recebido com salva de artilheria (que já o imperador tem algumas peças), e com toda a arcabuzeria, e á entrada se lhe cantou o *Benedictus*, entoado por vozes mui escolhidas. Estava o imperador na capella-mór, vestido ricamente, com sua coroa de oiro na cabeça, assentado em cadeira imperial, aos pés coxins de tela e brocado; chegado a elle o patriarcha, se levantou e o abraçou com mostras de grande amor, o qual se subiu logo ao altar, e dadas graças a Nosso Senhor, assentando-se em cadeira pontifical, fez a todos uma pratica breve, tomando por thema as palavras do psalmo: *Ecce quam bonum, et quam jucundum habitare fratres in unum, etc.* N'ella tratou como a confeição e bom cheiro d'aquelle precioso unguento não se podia derramar sobre o corpo e membros da egreja catholica, sem estarem unidos entre si, e descerem da cabeça da mesma egreja, Arão summo sacerdote, e figura do pontifice romano, verdadeiro vigario de Christo, successor de S. Pedro em sua cadeira.

Foi ouvido com muito applauso, principalmente por se lembrarem que nunca nenhum dos seus abunás lhes fez sermão algum, como verdadeiros mercenarios, que mais praticavam o officio de tirar dinheiro, que o exercicio de fazer praticas. Para remate d'esta grande celebridade lançou o patriarcha a benção, e communicou as indulgencias costumadas. Com isto se recolheram a descançar um pouco, o imperador ao seu paço, o patriarcha a casa dos padres.

Avisado d'ahi a pouco o patriarcha que o imperador o estava esperando, foi ao paço muito bem acompanhado dos portuguezes, de muitos catholicos e outra gente que acudiu, uns trazidos por curiosidade, outros por devoção que tinham ás coisas da egreja catholica.

Estava o imperador na sua sala real bem alcatifada, elle e a corte toda de festa. Tirou-se então do seu throno, e mandou pôr junto a elle duas cadeiras de espaldas eguaes, uma para si, outra para o patriarcha, a quem logo fez sentar junto de si, assentando-se ambos juntamente. Guardou sempre o mesmo estilo todas as vezes que o patriarcha ia ao paço.

Logo lhe perguntou com muito amor pela sua saude, e pelos trabalhos de tão comprida jornada. Depois de breve conversação, se assentou o dia em que o imperador com todos os grandes, assim ecclesiasticos como seculares, haviam de dar publicamente obediencia ao summo pontifice romano, com solemne juramento nas mãos do patriarcha.

Para este acto se dedicou uma quarta-feira, 11 de fevereiro de 1626.

Ornou-se a sala imperial o melhor que pôde ser, com o que a terra dá de si; acudiram a ella todos os grandes do imperio, principes irmãos do imperador, vice-reis, capitães, azages e umbanes, que são todo o desembargo e tribunal de justiça, e os monges mais graves que já tinham recebido a santa fé de Roma: junto ao throno, que é o leito imperial, se pozeram duas cadeiras de estado; na da direita se assentou o imperador, na da esquerda o patriarcha, vestido em pontifical, com tiara e capa de asperges.

Feito silencio, começou o patriarcha uma larga pratica ou prégação accommodada ao acto.

N'esta pratica, que vem quasi por extenso no livro de Balthasar Telles, se mencionam as tentativas feitas pelos reis de Portugal, desde 1486 (*sic*) para unir a gente da Ethiopia á egreja romana.

Acabada a pratica do patriarcha, que foi ouvida com muita attenção, mandou o imperador levantar a Melchá, seu primo e mordomo-mór, e por elle respondeu á pratica, supprindo o mesmo imperador nos logares em que o orador discrepava das coisas que elle primeiro lhe tinha communicado.

Quando o mordomo-mór acabou de fallar, o imperador, virando-se para o patriarcha, lhe disse: «Não cuide vossa senhoria que o que hoje me pede, e eu quero fazer, é coisa nova para mim, porque ha já muito que tenho dado esta obediencia a sua santidade, nas mãos do padre superior que está presente.»

E respondendo-lhe brevemente o patriarcha, tomou o livro dos evangelhos nas mãos, aberto, e pondo-se o imperador de joelhos, prestou o juramento de obediencia ao papa Urbano VIII, e a todos seus successores no governo da egreja.

(Continúa).

O ALGODOEIRO

De todas as plantas conhecidas poucas ha, de certo, mais preciosas e prestadias á humanidade que o algodoeiro.

Nem é dos tempos modernos que data o conhecimento e importancia d'esta planta textil. O uso do algodão em tecidos é antiquissimo no mundo.

Já no tempo de Herodoto os indios trajavam roupas de algodão.

No primeiro seculo antes de Jesus Christo havia no Egypto e na Arabia, como asseveram auctores de boa nota, muitas fabricas d'esta especie de tecidos. Gregos e romanos os usaram egualmente.

Os chins ou chinas, esse povo singularissimo entre todos os que habitam a terra, pela originalidade do seu viver e economia interior, começaram a cultivar o algodoeiro depois da conquista dos tartaros no seculo XIII. Pela mesma epocha se realisavam valiosas permutações de algodão na Criméa e na Russia, para onde era importado do Turkestan.

No seculo X os industriosos arabes conseguiram aclimar o algodoeiro na Hespanha; e de tal sorte conseguiram aperfeiçoar a manufactura d'estes tecidos, que os algodões de Granada, principalmente, em breve excederam em reputação os que provinham do Oriente.

Na Italia só mais tarde, isto é, no seculo XIV, segundo a opinião do erudito escriptor d'onde recopilâmos estas breves noticias [1], principiaram a estabelecer-se fabricas de tecidos de algodão, asseverando-se que as primeiras, levantadas na famosa peninsula, o foram em Veneza e Milão.

No seculo XVI Bruges e Gand, opulentas cidades dos Paizes Baixos, e hoje da laboriosa Belgica, contavam algumas fabricas.

Foi no meiado do seculo XVIII que se inaugurou esta manufactura em Inglaterra, França e outras nações, e é de então que vem o prodigioso desenvolvimento d'esta industria, coincidindo com o da cul-

[1] Bouillet, *Dictionnaire des Sciences, des Lettres et des Arts*, etc. 1859.

tura do algodoeiro nos Estados Unidos da America, principalmente.

Antes porém de apresentarmos varias noticias estatisticas que se nos afiguram de muita curiosidade, e que, como de periodo recentissimo que são, resumem e representam, tão exactamente quanto é possivel, o estado d'esta maxima industria dos povos modernos, permitta-se-nos que dêmos a descripção da planta de que tratâmos, e do mais usado methodo de sua cultura.

O algodoeiro, que os botanicos denominam *gossypium*, pertence ao genero das malvaceas, tribu das



Algodoeiro da India (Gossypium indicum)

hibisceas, subdividindo-se em muitas especies, que todas tem comtudo, por caracteres communs, a flor de duplo calice e cinco pétalas similhantes ás do lyrio, variando na côr entre o branco, o amarello ou côr de ganga, e o avermelhado.

São muitas, como dissemos, as especies de algodoeiro já bem conhecidas; as principaes, porém, são, além das que Linneo classificou, isto é, gossypium *herbaceum, arboreum, hirsutum, religiosum*, e *barbadense*, as seguintes: gossypium *indicum, micranthum, vitifolium, latifolium* e *peruvianum*, a que os americanos do norte ainda acrescentam o seu *upland* e o afamado *sea island*.

Comtudo, os praticos mais entendidos julgam que se podem reduzir a tres classes, a que dão os nomes de algodoeiro *herbaceo, arbustivo* e *arboreo*.

Nas gravuras que damos n'este numero, estão fielmente desenhadas quatro das especies, cujos productos são hoje mais estimados pelos fabricantes, a saber: o algodoeiro da India (gossypium indicum), bella e vistosa planta, na verdade (e d'esta apresentâmos dois exemplares), o afamado upland da Geor-



Algodoeiro da Georgia (Upland)



Algodoeiro da India

gia, e o ainda mais famoso e apreciado sea island.

O bom amanho da terra é de muita importancia na cultura do algodoeiro, diz um escriptor distincto em artigo inserto na *Revue Coloniale* (publicação muito acceita em França). Para que as raizes não apodreçam convem outrosim que seja bem esterroada. Assevera-se que é mui conveniente o methodo que consiste em fazer uma lavra antes do inverno, abrindo um rego profundo na linha em que ha de depois lançar-se o algodão, enterrando n'este



Algodoeiro da ilha de Bourbon



Algodoeiro sea island

rego os pés da ultima colheita, e cobrindo-os com a terra dos dois regos lateraes. No fim do inverno repete-se a lavra, e esterroa-se com os instrumentos apropriados. Suppunha-se vantajoso semear cedo; mas a experiencia demonstrou que é melhor esperar occasião opportuna; a demasiada pressa póde ser causa de consideraveis prejuizos. A planta do algodão é bastante sensivel ao frio, e não convem repetir a sementeira.

Chegado o tempo proprio para ella, os agricultores americanos, mais intelligentes e cuidadosos, costumam dividir os trabalhadores em tres esquadras ou turnos: o primeiro, formado dos negros melhores e mais espertos, abre no cimo das leiras um pequeno rego, alargando-o de quando em quando, a distancias eguaes, nos sitios onde se deve lançar a semente. O segundo turno, composto da gente de trabalho mais inferior, deita em cada logar cinco ou

seis sementes separadas; os trabalhadores medianos, que constituem o terceiro grupo, vem logo após, cobrindo as sementes á enxada.

A distancia a que convem semear o algodão diversifica segundo a qualidade do terreno, e variedade da planta que se pretende obter, desde pé e meio até quatro pés. N'esse, como em todos os casos, a experiencia esclarecida é o mais seguro guia; advertindo que a planta crescida carece absolutamente que o ar lhe circule com facilidade em torno.

Logo que germinam as primeiras duas folhas, sacha-se á enxada, sem tocar nos pésinhos do algodoeiro. Quando tem quatro folhas escolhe-se o pé mais vigoroso, arrancam-se os demais, chegando a terra ao que fica. Quando a planta começa a alargar-se effectua-se um amanho maior, deitando com a charrua a terra para o pé do algodoeiro, para evitar a sécca, que é tão prejudicial como a excessiva humidade.

As chuvas, aliás favoraveis á primeira vegetação, estorvam por vezes estes trabalhos; a sécca, pelo contrario, sobrevem quando o algodoeiro começa a estar forte; para que, porém, offereça ainda mais resistencia áquella condição atmospherica, convem continuar a chegar-lhe ao pé a terra, até que tenha alcançado completo desenvolvimento.

A colheita faz-se á mão, e dura até á epocha do frio, á proporção que os casulos vão amadurecendo. É tambem manualmente que o algodão, com as respectivas sementes, se extrahe das capsulas.

Ha quem sustente a conveniencia de podar os algodoeiros, evitando-se assim a perda da seiva nos fructos imperfeitos da extremidade dos ramos. Diz-se tambem que se hão colhido excellentes resultados d'esta prática; mas ás experiencias que se tem feito ainda não pódem considerar-se tão decisivas, que aconselhem a sua geral adopção, sem mais detido exame.

Outro trabalho, que temos presente, de auctor brazileiro mui entendido, exprime-se a respeito da cultura do algodoeiro de modo um pouco differente.

A cultura do algodão, diz elle, não póde ser mais facil; apenas pede metade ou o terço do trabalho que exige a do café ou a do milho. Semeia-se nos mezes de setembro e de outubro, enterrando a semente em distancia de metro e meio a dois metros. O algodoeiro começa a produzir logo no primeiro anno, e basta sachar a terra em que elle está duas ou tres vezes no anno. Nos primeiros cinco annos não lhe fazem poda alguma; mas d'este anno em diante, depois de effectuada a colheita, cortam-lhe os ramos e uma parte do tronco. Este arbusto dá ordinariamente boa producção seis a oito annos; depois d'este tempo é necessario fazer nova sementeira. A colheita do algodão costuma durar tres mezes; começando em maio acaba em agosto.

Já se vê, pois, que não ha inteiro accôrdo entre os dois escriptores que apontámos, o que bem póde explicar-se pela diversa situação e localidade em que residiam; em que elles e todos os que consultámos concordam, porém, é em asseverar que o algodoeiro, podendo viver e fructificar sob quasi todas as latitudes, e sendo, para assim dizer, uma planta rustica, desenvolve-se comtudo mais vantajosamente nos terrenos fartos, e não é ingrato, antes agradece os desvelos da cultura apurada, fundindo, n'estas circumstancias, productos mais abundantes, e mais especiaes na qualidade.

A producção total do algodão avalia-se em 350 milhões de kilogrammas.

Quereis agora saber o que vale a industria do algodão em Inglaterra e em França, mórmente? Desejaes conhecer o motivo por que a questão do algodão absorve quasi exclusivamente as attenções de eminentes homens de estado em uma e outra nação, e porque os deploraveis successos que, absortos e conturbados, observâmos na florescente e poderosa republica norte-americana, a maior, a quasi unica productora de algodão de que se abastecem os mercados da Europa, vieram causar a mais profunda sensação, ameaçando de um grande cataclysmo o povo infatigavel que até hoje conserva o sceptro dos mares?

Lançae um relance de olhos para as succintas informações estatisticas que aqui inserimos.

Trataremos primeiro da Inglaterra.

As materias primeiras, a mão de obra, as machinas e os edificios affectos á industria do algodão, representam o enorme valor de 390 milhões de libras esterlinas.

O numero de individuos que vivem exclusivamente d'esta industria excede de 4 milhões.

Finalmente, o valor da importação annual do algodão na Grãn-Bretanha corresponde á somma de 110 milhões de libras esterlinas, sendo 30 milhões de algodão em rama, e 110 milhões de dito em fio!

A França caminha após da sua poderosa visinha e rival, posto que n'este ponto ainda esteja muito longe d'ella.

Comtudo, o valor approximado das machinas e edificios applicados alli a similhante industria é de cerca de 124 milhões de francos; e a importação annual do algodão ascende á quantia de 200 milhões de francos!

Nem póde dizer-se que esta industria tenha chegado ao seu apogeu, ou que o consumo haja attingido o maximo possivel.

Succedem-se os progressos com uma rapidez admiravel; a civilisação tende a generalisar-se, a approximar as nações; o gosto pela satisfação de certas commodidades, outr'ora desconhecidas ou dispensadas, é cada vez mais pronunciado.

As diversas nações da Europa, a Hespanha, a Italia, a Belgica e a Suissa importam já grandes quantidades de algodão, e o consumo dos respectivos tecidos vae augmentando de um modo espantoso.

O nosso Portugal mesmo, que ha poucos annos não conhecia os tecidos de algodão senão pelos que recebia de Inglaterra, já tambem possue sumptuosas fabricas destinadas a estas manufacturas, representando um valor não inferior a 4 milhões de cruzados.

O consumo de algodão em rama e em fio, que se realisou nos annos de que ha publicadas minuciosas estatisticas officiaes, foi o que consta da seguinte nota:

ANNOS	KILOGRAMMAS	VALOR EM RÉIS
1851	1.022:276,538	337:979$730
1854	1.845:484,317	478:702$070
1855	2.188:933,491	528:195$200
1856	1.899:163,449	566:984$300

E no meio de circumstancias tão altamente favoraveis para acordarmos, por uma vez, da triste somnolencia em que por tanto tempo temos jazido a respeito dos nossos verdadeiros interesses, possuindo nas nossas vastas colonias da Africa, e nos estados da India, os mais apropriados terrenos para a cultura do algodoeiro, tendo já um começo d'ella, não promovemos o seu desenvolvimento em larga escala, e não procurâmos levar a civilisação, a vida a essas pingues regiões, segregadas do movimento progressivo da humanidade pela nossa criminosa incuria!

Não são declamações fofas, são factos. Em Cabo Verde é indigena o algodoeiro, e cultiva-se de duas especies: branco *(Gossypium arboreum)* e côr de

ganga (*G. herbaceum*), vegetando com facilidade até nas ilhas mais estereis, como são a Boa-Vista, Maio, S. Vicente e Santa Luzia. Ora o archipelago de Cabo Verde dista de Lisboa, um dos melhores, senão o melhor porto do mundo, apenas dez dias de viagem regular, a vapor!

Em Angola, esse futuro Brasil, o algodão nasce espontaneo, e já existem tambem alguns vestigios de cultura.

Moçambique está no mesmo caso, como os estados da India, (d'onde já vem algum ao mercado), como Timor!

O modo como nós aproveitâmos tão farto manancial de riquezas, póde avaliar-se pela seguinte nota estatistica do algodão em rama importado em Portugal, procedente das suas possessões.

ANNOS	KILOGRAMMAS	VALOR EM RÉIS
1854	333,234	74$000
1855	1:904,850	410$000
1856	1:889,244	439$000

A triste, mas energica eloquencia d'estes numeros, que ha de accrescentar-se?...

Oxalá que estas mal traçadas linhas despertem a attenção não só dos poderes publicos, mas tambem dos capitalistas e commerciantes. Ha nos feracissimos sertões da Africa com que crear valores que podem restituir ao commercio a antiga importancia, e habilitar-nos a desempenhar para com povos desgraçados, na infancia da civilisação, os deveres que a nossa grave missão de seus naturaes tutores nos impõe rigorosa e estrictamente.

PAPAS, CARDEAES, ARCEBISPOS E PADRES QUE FORAM CAÇADORES

Muitos concilios prohibiram aos ecclesiasticos entregarem-se a qualquer genero de caça. Um synodo provincial d'Auch, em 1303, prohibe aos arcediagos, nas visitas que fizerem ás suas dioceses, levarem mais de cinco cavallos e cinco criados, e especialmente o conduzirem cães ou aves de rapina. Mas isto só se referia aos padres de inferior cathegoria, á arraia miuda do clero. O alto sacerdocio parecia dizer ao pequeno: «Fazei o que vos ordeno, e não olheis para o que eu faço.»

Os chronistas antigos asseguram, que quando os prelados saiam das sessões em que estes interdictos eram lançados, os cardeaes e os arcebispos montavam a cavallo para irem correr os veados ou caçar com os seus falcões.

É mui natural que os ecclesiasticos experimentem prazer em caçar; provam n'isto, como em muitas outras coisas, que são homens. Além de que, tambem elles antigamente pegavam em armas para defender a patria. Quantos arcebispos, cardeaes e papas não temos nós visto trocar a mitra e a tiara pelo capacete do guerreiro; e em caso de necessidade sabiam dar uma cutilada tão bem como qualquer homem d'armas. Estes habitos cavalheirescos deviam continuar-se forçosamente em tempo de paz; era então que elles, para se conservarem aptos, perseguiam os veados e os javalis, o que tornava a transição insensivel quando era mister combater o inimigo.

Houve circunstancias em que todos os padres e frades foram obrigados a partir para a guerra. No tempo do captiveiro do rei João, fez-se nos claustros e nos seminarios uma leva completa; a lei dizia: «O clero pegue em armas, e seja obrigado a isso pelos juizes da egreja.»

De mais, a caça não é um prazer trivial a que se possa renunciar facilmente. Um mancebo que se ordenou póde guardar castidade, não ir aos espectaculos, etc.; mas se elle caçou uma vez, ha de continuar a caçar. O cura de Menerbes prezava muito mais o aroma da polvora que o do incenso; todas as vezes que se offerecia occasião de sair com uma espingarda ao hombro, nunca a desprezava; seria mais facil deixar de dizer missa. Um dia andavamos á caça com elle; sentimos um tiro, e o chumbo feriu de raspão o abdomen rotundo do cura, que ficou tão pallido como um espectro. Felicitaram-n'o pelo feliz resultado d'aquella inhabilidade, que podia ter consequencias horriveis. Quando todos tinham já recuperado a alegria, disse eu ao nosso irmão coroado: «Por minha fé, se o tiro vos houvesse matado, teriamos certamente experimentado um grande desgosto; comtudo seria preferivel que antes vós morresseis que outro qualquer companheiro.»

— Muito vos agradeço. E qual é a razão d'essa preferencia?

— É porque esta manhã dissestes missa.

— O que prova isso?

— Que estaes em graça, e que a esta hora estarieis no ceo.

Sem embargo dos concilios, viu-se ainda por muito tempo, nas cathedraes, as matilhas de cães seguirem os prelados até ao pé do altar, e fazerem resoar nos templos o seu ganir impertinente. Os arcebispos entravam quasi sempre na egreja com o falcão em punho; pousavam-n'o sobre a borda do altar em quanto officiavam, para o tornarem a levar do mesmo modo quando acabassem a missa. Era um grande escandalo para os homens pios, vêrem e ouvirem todos aquelles animaes misturar os seus guinchos estridentes com a musica santa e os canticos sagrados, manchando os templos com as suas dejecções. Vêde que extravagancias póde conter a cabeça humana! Estes prelados, que julgavam poder infringir as constituições canonicas, não ousariam jámais caçar ao domingo.

Quando o povo gritava um pouco mais alto contra os padres caçadores, quando lamentava os estragos feitos nas suas cearas pelos cães e pelos cavallos, apparecia quasi sempre um milagrinho que o fazia calar. Os conegos de Tulle eram caçadores acerrimos; muitas vezes os senhores castellães dos arrabaldes censuravam as suas excursões longinquas; para continual-as, lembraram-se os conegos de um expediente singular. Um dia em que elles caçavam os lobos, encontraram a cabeça de S. Clair, que havia muitos annos se procurava inutilmente. Esta cabeça fez muitos milagres, o que lhe attrahiu a veneração de todo o Limosino. Desde então continuaram a caçar, para ver se encontravam os braços e as pernas do santo. Os condes e os barões da visinhança não ousaram perturbar estes pios exercicios, e os conegos conquistaram por este modo o privilegio de caçar em toda a parte, e em todo o tempo!

Antes da revolução de 1789, no dia da festa de S. Clair, saiam estes conegos da cidade em procissão, com as suas vestes sacerdotaes e a espingarda ao hombro! Iam ainda procurar as preciosas reliquias... Se as tivessem já achado, haveriam perdido o pretexto de correr os campos, por tanto nunca as encontravam; mas traziam lebres e cabritos montezes, o que lhes parecia ser uma compensação vantajosa. Em vez de ossos traziam carne.

Se os conegos de Tulle iam á caça com as vestes sacerdotaes, muitos caçadores ajudavam á missa com

a espingarda no hombro enfiada pela bandoleira. Um dia chegou Racan a casa do seu amigo o prior da Ronde.

— O tempo está bello, disse-lhe elle; vamos para a caça.

— E quem ha de cantar as vesperas?

— Podem-se escusar.

— É impossivel, n'um domingo!

— Pois bem! Avie-se com isso.

— Mas é que ainda não deu a hora; nem tenho ninguem para me ajudar.

— Então eu não sirvo para isso!

— Com muito gosto.

Os nossos caçadores entraram na egreja, e recitaram os seus versiculos, qual d'elles melhor. O prior estava tão occupado em despachar as vesperas, que não prestou attenção ao trajo de Racan, com a carniceira a tiracollo e a espingarda em bandoleira. Racan tinha cantado a *Magnificat*. No acto da benção, o prior vendo o poeta das *Pastoris* de joelhos, despertou soltando uma grande gargalhada.

— «Que bello exemplo que tu me estás dando — disse Racan.

— Mas quem diabo poderia conservar a seriedade vendo um menino de côro tão extravagantemente equipado?

— Meu caro prior, S. Agostinho disse: «Aquelles que se riem quando vêem um caçador, hão de chorar quando virem o Salvador dos homens».

Dissemos que os arcebispos pousavam os falcões sobre a borda do altar durante a missa; tinham adoptado este costume, porque os fidalgos queriam attribuir a si esse direito; e como a egreja nunca se quiz deixar dominar pelo poder secular, os prelados punham os seus falcões á esquerda, e os nobres castellães collocavam-nos á direita. «O lado do Evangelho, diziam elles, é o melhor logar».

Muitos papas foram grandes caçadores. Pio II, Julio II, Leão X tinham paixão pela caça em extremo grau.

Un illustre héritier des nobles Médicis,
Le héros de son temps, le pape Leon dix,
Chaque automne, autre fois, oubliait dans Ferrare,
Avec quelques oiseaux, le poids de la tiare,

Pio II e Enéas Silvio até escreveram uma obra sobre a caça: *De Studio venandi*. Julio II caçava todos os dias com os cães corredores ou com as aves de rapina; e punia severamente os menores descuidos dos seus falcoeiros.

Os ecclesiasticos eram mais zelosos da sua caça que os fidalgos. O abbade Surger, para sustentar os direitos da sua abbadia, que os nobres seus visinhos tentavam invadir, fez uma grande caçada na floresta de Iveline, convidando o conde d'Evreux, Amauride Monfort, Simão de Neaufle, Evrardo de Villepreux, e muitos outros. Passou oito dias inteiros n'uma barraca de lona. Caçou-se durante uma semana. Matou-se uma quantidade prodigiosa de caça; e, no seu regresso, Suger mandou para toda a parte presentes de veação.

Alguns arcebispos exerceram grandes crueldades contra seus vassallos por caçarem nas suas terras, ou contra os famulos que lhes desencaminhavam objectos pertencentes á sua equipagem de caça. Em 1531, o arcebispo d'Auxerre, chamado Interville, fez crucificar um dos seus guardas por lhe ter vendido um falcão!

O papa Clemente V, nas suas famosas constituições chamadas *Clementinas*, prohibe a caça aos ecclesiasticos sob pena d'excommunhão durante tres mezes. Todavia, permitte-a no caso em que os coelhos e os animaes fouveiros sejam mui numerosos, *quo casu*, diz a constituição, *hoc eis permittitur*.

D'ahi procede que nos conventos sempre se caçava; á caça morta chamava-se *quo casu*, e dava-se aos frades caçadores o nome de *quo casu*. Durante a quaresma, nos refeitorios, resoavam muitas vezes estas palavras: «O diabo leve os feijões, e viva o *quo casu!*»

Para que a caça fosse sempre abundante, e para se achar no *quo casu*, certos frades faziam preces *pro pullis et nidis*, que deviam preservar os ovos e as creações da chuva e do frio. Imaginae que estaes vendo esses dignos cenobitas pedindo a Deus a occasião de peccarem contra as leis da egreja! É como aquella dama que jejuou toda a quaresma, para obter do ceo a graça de enviuvar pela paschoa.

Brantôme diz que Francisco I fez a sua concordata com Leão X, a fim de poder recompensar os serviços da sua nobreza, dando-lhe abbadias e outros bens da egreja. Não queria deixar tantos gozos «a frades claustraes, gente inutil, que não servia para nada mais que para comer e beber, jogar e folgar, para fazer cordas para os arcos das baléstas, redes para a caça dos coelhos com furão, e para reclamarem os passarinhos; eis-aqui as suas occupações, e ainda assim eram as mais innocentes.»

Um edicto de Henrique II, em 1556, prohibiu a caça a todos os ecclesiasticos em geral, sob pena de serem privados dos seus beneficios. Um dos considerandos diz: «Que os padres são inhabeis no tiro de arcabuz, e que ultimamente o abbade de Marmoutier se matára porque não sabia carregar a sua espingarda».

O cardeal Clermont-Tonnerre, caçando um dia com o rei na floresta de Fontainebleau, foi ferido gravemente pela espingarda que lhe arrebentou nas mãos. «Ah! meu Deus, exclamou elle, compadecei-vos da minha grandeza». Foi este mesmo cardeal que mais tarde, no leito da morte, tendo sido instado para que se confessasse, porque os medicos diziam que não lhe restava mais d'uma hora de vida, respondeu: «Temos tempo de sobejo, e além disso ficae certos de que Deos pensará sériamente antes de condemnar um Clermont-Tonnerre».

Alguns padres foram amarrados ao pelourinho por andarem á caça. Eis o que diz Tallemant des Réaux nas suas Memorias (tomo XI, pag. 43): Madame Dervois, a amada do marechal de Brézé, para lhe agradar, a elle que era o maior tyranno que havia na caça, a tal ponto que até as pessoas de qualidade não ousavam ter um cão, nem um arcabuz para atirárem unicamente nos seus parques, fez um dia arrombar a porta d'uma d'essas pessoas, porque tinha ouvido atirar, mandando-lhes matar os cães e quebrar os arcabuzes; mad. Dervois fez amarrar um padre ao tronco de uma arvore, um dia inteiro, com uma lebre, que elle tinha morto, enrolada ao pescoço.»

Diniz, o grande, arcebispo de Senlis, Filippe de Victri, arcebispo de Meaux, escreveram sobre a caça, segundo diz Gace de la Vigne, capellão do rei João, e um dos mais antigos auctores cynegeticos francezes; infelizmente as suas obras parecem estar perdidas. O cardeal Adrianó Castellesi fez um poema sobre a caça; Claudio Gaubet, cura de Dammartin, esmoler de Carlos IX, fez o *Plaisir des champs*, aonde falla muito de caça, e o mesmo suspira romanticamente como um amoroso trovador.

Por ultimo acrescentaremos, que em todas as constituições dos bispados de Portugal se prohibe expressamente aos ecclesiasticos a caça *clamorosa*, e o levarem falcões para a egreja, permittindo-se-lhe comtudo a caça de recreação, e pescar á linha.

Escusado é advertir, que estes artigos da carta constitucional da egreja, se infringem aqui tanto ou mais que em França.

(Extraido da *Histoire d'abbaye de Saint-Germain* por Ludovice da Gama.